

DO RACISMO CIENTÍFICO DO SÉCULO XX O RACISMO ESTRUTURAL DO SÉCULO XXI: RESSONÂNCIAS NA PANDEMIA DA COVID-19

Laene da Silva Abade (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Roselania Francisconi Borges (Orientador), e-mail: ra105328@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do CNPq/CAPES

Palavras-chave: mídia e racismo, racismo estrutural, Covid-19.

Resumo:

O objetivo deste trabalho foi analisar possíveis ressonâncias do racismo estrutural no acometimento de vítimas da pandemia da Covid-19. Trata-se de um estudo bibliográfico exploratório que teve como fontes primárias matérias jornalísticas compiladas dos sites *O Globo* e a *Folha Online* no período de março de 2020 a março de 2021. Foram analisadas ainda publicações em formato de artigos científicos nacionais publicados na base de dados SciELO, resultando em 15 artigos analisados. Conclui-se que as interfaces da pandemia atravessam não somente a área da saúde, mas toda a estrutura do país e atinge principalmente a população preta marginalizada ainda hoje pelo racismo estrutural e a mídia perpetua esse ideário, que gera desigualdades sociais que se refletem nas concepções e práticas dos indivíduos afetando, principalmente, aqueles considerados degenerados, que atualmente sofrem com o racismo estrutural dentro e fora da pandemia.

Introdução

O ser humano ao longo da história sempre buscou a produção de tecnologias que facilitassem a sua existência no mundo. O rádio, a televisão, a internet, o celular são partes dos milhares de dispositivos já inventados pelo homem para facilitar a sua comunicação, porém tais dispositivos inovaram as relações. Para além de entretenimento e informação os meios de comunicação trouxeram consigo um papel social, onde a mídia funciona como um dispositivo de interesse político, pelo qual é noticiado aquilo que convém, aquilo que é do interesse de seu editor, de uma maneira que não somente o conteúdo seja transmitido, mas que o impacto desejado atinja também o telespectador. Assim como traz o filósofo Stuart Hall (1932-2014) em sua obra *“Cultura e Representação”* (2016) na medida em que o ser humano se comunica, carrega nesse ato um sentido, o sentido através de práticas discursivas se relaciona com poder, regula condutas, inventa ou

constrói identidades e subjetividades e, define o modo pelo qual certos objetos são representados, concebidos, experimentados e analisados.

Foi assim no início do século XX, com o movimento eugenista brasileiro que percebendo a importância da mídia decidiu utilizar-se dela para propagar seus interesses, visto que seus precursores ansiavam pela campanha eugenista nas televisões, rádios, jornais e todos os meios de comunicação que pudesse lhes auxiliar na execução do projeto eugênico na sociedade brasileira.

O mundo vivia um movimento de intensa industrialização e amplificação da economia, tecnologia e urbanização. Permeados até então por um ideal positivista de ordem, progresso e racionalidade, os estudiosos da época buscavam um ideal de modernidade através da ciência para explicar as profundas desigualdades e doenças que perpassavam o país. O ideário eugenista no Brasil no século XX estava voltado a questões biológicas e deterministas. O branco representava tudo que era desenvolvido, tudo de melhor que o país poderia almejar e alcançar e tudo que fugisse daquilo representava uma ameaça, um empecilho ao desenvolvimento do país e assim deveria ser combatido.

A escravidão pode ter acabado no século XIX com a sua abolição, mas o racismo perdura até a atualidade. As teorias deterministas encontraram um espaço produtivo para se desenvolver, visto que a adaptação do eugenismo no Brasil encontrou um campo fértil e mais do que um anseio pelo branqueamento da população brasileira, portanto, a questão racial tornou-se uma questão social. O fim do ideário de raças, bem como a superioridade branca arrefeceu. No entanto, o racismo, que outrora era aberto, transformou-se em algo velado e que muitas vezes se utilizava de dispositivos como a mídia para manutenção e prorrogação desse sistema (RANGEL, 2015; SANTOS; SILVA, 2018).

Com a chegada da variação da SARS, a Covid-19, modificações no modo de vida, no funcionamento das instituições e principalmente mudanças no setor da saúde foram necessárias para tentar garantir a sobrevivência do povo brasileiro. E, em uma sociedade permeada pelas desigualdades sociais e pelo racismo estrutural, o modo como a Covid-19 atua e se dissemina afetou e afeta mais gravemente os grupos já fragilizados/vulnerabilizados que se encontram à margem dessa sociedade.

Materiais e métodos

A presente pesquisa, de caráter bibliográfico exploratório sobre a temática do racismo estrutural no Brasil, está dividida em três etapas.

Na primeira etapa analisamos as publicações de 2 principais jornais eletrônicos da internet no Brasil, segundo o site *ejornais*, sendo eles: O *Globo* e a *Folha Online* cujo objetivo foi compreender a constituição do ideal propagando pela mídia acerca do coronavírus/Covid-19 e as relações de cunho racial.

Na segunda etapa realizamos uma pesquisa bibliográfica, na qual foram selecionados artigos publicados na base de dados da SciELO – (Scientific Electronic Library Online) sobre a Covid-19 e o racismo estrutural.

Os artigos, em português publicados em revistas brasileiras, tiveram os seguintes descritores: mídia e racismo; racismo estrutural; Covid-19; saúde pública; necropolítica e pandemia. O que resultou em 15 artigos utilizados nesta pesquisa.

Por fim, no terceiro momento foram desenvolvidas análises que produziram aproximações e distanciamentos entre o racismo estrutural e o modo como ele afeta a pandemia da Covid-19.

Resultados e Discussão

O racismo estrutural no Brasil é resultado direto das desigualdades entre brancos e não brancos em diferentes esferas (educação, economia, acesso ao trabalho, entre outras) e foi reconstruído no tempo presente pela ordem capitalista (SANTOS; SILVA, 2018). O próprio conceito de raça se estrutura a partir da ideologia racial, que tem como mecanismo social a exclusão e a opressão que atinge cada grupo social, conforme sua especificidade.

No início a chegada do novo coronavírus no Brasil houve a ideia de que se tratava de um vírus democrático, que não fazia qualquer tipo de distinção entre pobres e ricos ou entre brancos e negros, entre homens e mulheres, pessoas trans ou cis. No entanto, foi sendo percebido e constatado por meio de estatísticas de óbitos que o Brasil é o país da desigualdade e a morte que ocorre pelo novo coronavírus não é democrática (COSTA; SILVA; BRANDÃO; BICALHO, 2020).

As principais medidas realizadas no combate ao vírus não consideram que o contexto de vivências de muitas pessoas dificulta o acesso as políticas sociais e maximizam desigualdades sociais já existentes, visto que grande parcela da população (sendo grande parte pessoas negras) não possui acesso a água potável e nem poder aquisitivo para aderir ao uso de álcool em gel para higienização das mãos ou mesmo o privilégio de fazer o isolamento social.

É necessário ainda considerar a outra política de morte existente no país, para além de um vírus letal há um Estado impiedoso, que através de um projeto denominado necropolítica o qual define quem tem mais chances de viver e de morrer, colocando a população preta no topo da desigualdade social, os transformando em estatística na mídia. Essa, por sua vez, tem acesso a esses dados, porém, na maioria das vezes não os manifesta, visto que não é interessante e nem promove audiência falar sobre as vidas que vivem à margem da sociedade.

Conclusões

Sabemos que a Covid-19 é letal, que age e se dissemina rapidamente. A sociedade brasileira enfrentará esse mal por muito tempo e suas sequelas serão vistas por anos. No entanto, é preciso olhar para além do vírus, é necessário lutar contra o racismo que assola a nação e torna o medo de morrer, sendo uma pessoa negra, ainda maior que o medo pelo vírus. A pandemia da Covid-19 demonstrou uma necessidade conjunta e

uma grande força do sistema de saúde. A seu turno, o genocídio da população negra demonstra que o coronavírus não é o único inimigo a ser enfrentado pela população (SAMPAIO; MENEGHETTI, 2020).

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a minha orientadora Roselania Francisconi Borges que, pela perseverança, auxílio e aprendizado constante. Agradeço também a minha família e amigos por permanecerem comigo em todos os momentos. E por fim agradeço a Fundação Araucária pela oportunidade e financiamento desta pesquisa.

Referências

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2016.

RANGEL, Pollyanna Soares. Apenas uma questão de cor? As teorias raciais dos séculos XIX e XX. **Revista Simbiótica**, Espírito Santo, v. 2, n. 1, p. 1-10, jun. 2015.

SAMPAIO, Simone Sobral; MENEGHETTI, Gustavo. Entre a vida e a morte: estado, racismo e a pandemia do extermínio no Brasil. **Revista Katálysis**, Santa Catarina, v. 23, n. 3, p. 635-647, dez. 2020

SANTOS, Raquel Amorim dos; SILVA, Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e. Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil pós-escravatura. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 68, p. 253-268, abr. 2018.

COSTA, Jaqueline Sérgio da; SILVA, Johnny Clayton Fonseca da; BRANDÃO, Eric Scapim Cunha; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho. COVID-19 NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO: da indiferença como política à política de morte. **Psicologia & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 1, p. 1-19, dez. 2020.